

JORGE DA ROCHA PEIXOTO

O ENSINO DAS LINGUAS VIVAS

NA

EDUCAÇÃO MODERNA

(Separata de «O Instituto»)

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1910

*de seu projecto de ensino de linguas vivas
em 1898*

JORGE DA ROCHA PEIXOTO

em 1898

O ENSINO DAS LINGUAS VIVAS

NA

1898

EDUCAÇÃO MODERNA

1898

(Separata de «O Instituto»)



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1910

Á

SAUDOSA MEMORIA

DE

M E U P A E

O ENSINO DAS LINGUAS VIVAS

NA

EDUCAÇÃO MODERNA

É condição essencial para a vida das sociedades o progresso; sem este não se pôde sequer admittir que a primeira exista, pois no dia em que num povo o progresso se interrompa, logo nelle desaparecem todos os indicios de vida. Progredir, avançar, evolucionar são, e serão sempre, simples synonymos do verbo *viver*. Têm, por assim dizer, a mesma significação, egual força expressiva, o mesmo brilho.

E, como o espirito humano é, continuamente, o foco de novas e fortes concepções, como do cerebro do homem irradiam, todos os dias, novas e brilhantes correntes de ideias, que, espalhando-se, divulgando-se e sempre crescendo, modificam a face da terra, como que possuindo luz e calór, é indispensavel que um povo se conserve apto a receber a influencia dessa luz e desse calór, que emanam do espirito do homem, assim como a terra recebe a influencia das vibrações luminosas do sol.

Ora esta aspiração tem de ser alcançada, principalmente, pela escola moderna. É nas salas onde se reune a infancia e a mocidade de hoje, é entre essas quatro paredes, onde, seguramente, se elaboram as condições essenciaes da vida e

do progresso; é, sobretudo, nos bancos das escolas, onde o povo se torna capaz de absorver a luz e o calor que hão de fortalecê-lo nas violentas lutas, e engrandecê-lo nas largas horas do trabalho universal.

Ninguém hoje põe em duvida — e custa acreditar que alguma vez pudesse existir tal duvida — que as questões do ensino, e os seus variados e complicados problemas sejam actualmente dum interesse palpitante, fundamental, pois dellas dependem todo o presente e o futuro das nações. A importancia, o prestigio e a influencia dum povo, duma raça já não residem na vastidão dos territorios, ou no retinir do muito ferro e do muito aço, mas sim no trabalho scientifico, artistico e industrial de que é o foco. A grandeza mede-se hoje pelo quantitativo de trabalho que se pôde produzir, pela energia com que se luta pela vida, procurando-se sempre contar com o proprio esforço, que cria as vontades rijas, e dá uma consciencia perfeita do valor proprio, carecendo-se, cada vez menos, do auxilio alheio.

No nosso seculo, dotado duma febril actividade, os diversos aspectos das questões do ensino multiplicam-se cada vez mais, e todos os dias apparecem soluções que a esses problemas se procuram dar, pois constituem a base de todo o mecanismo social. Nas contendas de ambição, nas lutas da vida, nas agitações do progresso, que surgem nos povos civilizados, e d'onde irradia o predomínio politico, ligando-se ao prestigio scientifico, artistico e industrial, o povo que derrubado cae é o que não se ergue, firme e solido, nos alicerces das escolas, sobre cujas pedras podem levantar-se mundos mais vastos e mais duradouros que esses que se erguiam sobre as pedras das velhas fortalezas. Assim as questões pedagogicas chegam a ser verdadeiras questões de politica mundial, dignas de toda a ponderação, attendendo-se á influencia que exercem nas sociedades, sendo o verdadeiro primeiro agente na prosperidade e grandeza do estado. E hoje

todo o estadista digno do respeito de todos, quando lhe perguntarem pelas obras de que mais se orgulha, deve procurar poder apontar para escolas erguendo-se á luz do sol, em constante labutação, em continua producção de verdadeira luz e de são calôr!

E uma éra de esplendôr tem raiado na vida contemporanea com o derramamento da instrucção em todas as classes sociaes, o que principiou a manifestar-se nos fins do seculo XVIII, e o que veiu augmentar a respectiva importancia. Cada individuo começou a valer conforme o seu trabalho. Desapparecem as antigas barreiras que, outr'ora, existiam entre as diversas classes, acabando-se, por assim dizer, com os privilegios que, antigamente, eram apanagio de determinados individuos. Com o advento das ideias novas, a escola tende a democratizar-se; o ensino, que durante muito tempo era, sómente, do dominio das classes privilegiadas, perdeu este character restricto, para se tornar geral. Fundam-se em todas as nações cultas escolas primarias, cuja frequencia é obrigatoria tanto para o filho de um modesto operario como para aquelle que nasceu em berço doirado, já com um logar marcado na sociedade, sem precisar de entrar na intensa luta de interesses. A par das antigas universidades, criam-se verdadeiras universidades populares, onde todos podem adquirir os conhecimentos que desejam, pondo-se em contacto com o desenvolvimento que se opera nos centros scientificos. As escolas artisticas, commerciaes e industriaes surgem ao lado das escolas onde domina a sciencia pura. Foi com uma verdadeira febre que se começaram a espalhar em toda a parte, sobretudo na Allemanha e na Belgica, escolas technicas, com feição analoga ás *business-schools* dos Estados-Unidos. Todas estas escolas technicas e polytechnicas são um dos mais bellos flores que o seculo passado pôde apresentar na série das suas grandes innovações.



Entre as numerosas questões de pedagogia moderna destaca-se, como sendo uma das de maior importancia e utilidade, o estudo das linguas vivas, o papel que deve desempenhar nos programmas de educação, os seus methodos e planos, e os fins a que deve tender. Como se consegue dotar o homem de hoje com um perfeito conhecimento das linguas estrangeiras, a ponto de poder manejá-las como a propria lingua, é um dos problemas que se reconhece dever prender a atenção do pedagogo, pois o mundo culto reconheceu ser uma verdadeira necessidade do seculo, uma condição *sine qua non* para o triumpho nas tantas e tão variadas lutas a que leva o continuo desinvolvimento dos povos, o conhecimento dessas linguas.

Esta circumstancia veio a motivar uma diminuição no culto que, de ha muito tempo, os espiritos illustrados vinham nutriendo pelas linguas classicas, dotadas de tão grandes bellezas, mas já sem vida. Um bello dia appareceram frente a frente, como dois lutadores, as velhas linguas mortas, dotadas de toda a majestade propria das civilizações classicas, cheias de europeis e de joias de fino lavôr, e as linguas modernas, dotadas do brilho que dá a vida, da frescura que dá o sangue em contínua agitação. Ora, não era necessario ser-se propheta, para de antemão se vaticinar o triumpho á vida.

E assim as linguas vivas vão todos os dias destronando as linguas classicas dos estabelecimentos de ensino. O antigo aphorismo, durante tanto tempo considerado como uma serena verdade, condição fundamental do saber humano: «*sem o latim não pôde haver uma completa instrucção*», se não perdeu ainda toda a sua força, vae, porém, entrando na sombra, pois antepõe-se-lhe este outro: «*sem o conhecimento ver-*

feito das linguas vivas não póde haver uma instrucção digna deste nome». E assim se vae abandonando o estudo intenso dos classicos greco-latinos, que enchera de fulgôr as estreitas cellas dos frades eruditos, e de bellezas os salões dos principes illustres e artistas da Renascença, para se abraçar as obras dos escritôres das linguas que ainda palpitam, ainda se agitam, ainda progridem.

Já lá vão os dias em que a base da educação era traduzir do latim e do grego para a lingua materna, e desta para aquellas; já lá vão os dias em que um dos principaes fitos da educação era fazer decorar os nomes dos *viri illustres* da civilização greco-romana, os heroes da Iliada, desde o astuto Ulysses ao fundibulario Ajáx, os heroes do Lacio, os reis citados por Sallustio desde Romulo até Tarquinio Suberbo, os bellos espiritos poeticos desde Anacreonte a Horacio e Ovidio, os sublimes rhetoricos da culta Athenas, e da civilizada *Urbs*, entre os quaes se veneravam Demosthenes e Cicero, os satyricos que flagelavam os vícios que arrastam a decomposição das grandes civilizações, e os grandes historiadores como Tito-Livio e Tacito, etc. Já lá vae o tempo em que todos esses varões assignalados viviam, para assim dizer, e moviam-se ao lado da mocidade das escolas, não como sombras, mas como espiritos aos quaes se tinha conseguido insufflar vida e alma eternas. Já lá vae o tempo em que a propria lingua materna era delegada para um segundo plano, e em que a principal preocupação era saber-se traduzir, e conhecer em todas as suas bellezas, Aristophanes, Eschylo, Plutarcho, Thucydides, Seneca, etc. E felizmente que não se continuou dando sempre para educadores de homens modernos essas brilhantes sombras de civilizações mortas!

A quem souber ouvir o constante palpitante da vida moderna, espalhando-se á superficie do globo, não poderia causar espanto que o estudo das chamadas linguas classicas fosse pouco a

pouco cedendo ao estudo das linguas modernas. Foi necessidade do seculo, foi um instrumento do progresso. Era preciso alargar-se o horizonte do trabalho para se ampliar o campo da vida moderna, tornando-se mais intensa a febre de progredir; e, assim, as linguas das varias nações que marcham á frente da civilização passaram além fronteiras, e fôram fertilizar campos alheios.

Não foi, contudo, sem alguma luta, que se conseguiu empurrar um tanto para a sombra as linguas mortas, a fim de trazer para plena luz as que ainda vivem e progridem. Assim á palavra *progresso* respondiam os latinistas com a *conservação do passado*, ás *ideias novas* continuavam antepondo as ideias que serviam á educação intellectual de passadas gerações; e, desse modo, os partidarios duma educação baseada na obra greco-latina, não querendo vêr as utilidades, as vantagens das linguas vivas, continuavam na mesma constante idolatria perante as bellezas das obras dos antigos, sustentando, com o ardôr de verdadeiros apóstolos, que só nestas podiam ser encontrados os verdadeiros elementos, as bases solidas para uma perfeita educação do espirito.

Não seremos nós a negar todos os encantos que a literatura dos antigos apresenta para deliciar o nosso espirito. As obras da antiguidade são de capital interesse, pois fazem-nos reviver todo um mundo de ideias duma brilhante época da humanidade, como ainda não tornou a apparecer outra superior. Com o contacto das obras classicas parece que somos transportados para as antigas éras em que o genio se manifestava com todo o seu esplendôr. Sentimos como que uma vida nova a nascer em nós, e nova luz a resplandecer no nosso espirito.

Mas o homem viu-se obrigado a accomodar os seus conhecimentos de harmonia com as exigencias do seculo, e a adquirir uma instrucção cujo resultado lhe permittisse na sociedade estar em condições de tomar parte na vida.

A maioria dos alumnos que frequenta as nossas escolas, desde a instrucção primaria até á superior, não procura obter uma sciencia que não lhe forneça ao cabo dos seus estudos um interesse monetario; poucos são os que aprendem com o fim exclusivo de saber. Actualmente a sociedade preoccupa-se em tirar de todo o ensino um meio pratico e util que abra aos seus membros as portas de uma carreira em que possam exercer a sua actividade. Assim o exigem a corrente das ideias actuaes e a moderna tendencia dos nossos tempos, em que a luta pela existencia vae augmentando com força crescente.

Hoje em dia o trabalho do homem deve ser, essencialmente, *productór*, isto é, o *quantum* de forças que o homem gasta vae transformar-se numa certa quantidade de bem-estar, de progresso, de utilidades. E isto é o que se quer exprimir ao dizer-se que o trabalho deve ser *pratico*. Ora é facil demonstrar que esta quantidade de *utilidade*, grangeada por meio do trabalho, será bem maior numa educação em que se dão como instrumentos poderosos as linguas modernas, do que numa baseada ainda nos estudos greco-latinos.

O conhecimento profundo e a leitura completa das obras classicas nos nossos dias só se pôdem limitar a um determinado circulo de individuos que não precisam de entrar neste extranho movimento de lutas e de paixões ardentes, e que, assim, podem dispensar certo quantitativo de forças. Já não se admite o principio de que toda a instrucção se dirige sómente para o fim essencial de educar o espirito para as letras e as sciencias. Hoje a instrucção deve fazer de cada homem um soldado do trabalho, e dotá-lo, portanto, duma armadura solida e moderna.

Varios e complexos motivos, que desinvolveremos, rebatem a antiga corrente de ideias, em que o latim e o grego eram as bases fundamentaes do ensino, corrente esta que pôde agradar ao homem de gabinete, livre de ambições e de

interesses. Nós não pretendemos que se ponha completamente de parte o estudo das linguas classicas, mas como homens do nosso tempo, reclamamos que o ensino esteja em harmonia com as necessidades de hoje. Se o ensino do latim viesse de novo a imperar, como antigamente, nas nossas escolas, um côro unanime de queixas erguer-se-hia *una voce*; a propria familia seria a primeira a protestar contra o que ella consideraria um attentado aos seus interesses.



Uma das vantagens, que com mais enthusiasmo citam e repetem os que defendem um primeiro logar para o grego e o latim no quadro das disciplinas do ensino secundario, é que essas linguas tornam a mocidade de hoje apta a conhecer, estudar e admirar os grandes vultos da historia antiga, que, pelos seus feitos de grande virtude e forte character, brillam na evolução dos povos como modelos moraes.

Dizem que é indispensavel dar-se aos futuros homens uma visão nitida desses grandes vultos que conseguiram a immortalidade pela rija tempera que manifestam no amôr patrio, e no engrandecimento da propria humanidade. Aureoladas do esplendôr que a immortalidade dá, tornadas mais sublimes pelo respeito que gerações successivas lhe têm consagrado, com as suas sombras reanimadas e reavivadas nas bellas paginas literarias das obras classicas, essas personagens, que tão importantes papeis desempenharam na face do globo, fatalmente terão de exercer grande prestigio na imaginação viva da mocidade.

E accrescentam, sempre com enthusiasmo e com vigôr, que ninguem poderá negar, sem blasphemar, que no solo abençoado da Grecia e da patria latina surgiram homens illustres, de altas qualidades moraes, cidadãos e patriotas

que, em todos os tempos, emquanto se respeitar a virtude, e emquanto se venerar a grandeza da alma, poderão ser apresentados como modelos. A gloria alcançada por estes cidadãos é tão intensa, tão fulgurante que irradiando sobre os espiritos moços os impelle na senda do trabalho honesto, das acções nobres.

Hoje o caracteristico da vida é o utilitarismo, e o interesse a grande força que faz girar o globo; desde Bentham que o dizem todos os dias com vigor os modernos *strugglers for life*. Ora não será altamente util, no meio das actuaes correntes das paixões praticas e egoistas que irrompem, se despenham e se precipitam com fragôr, desenterrar-se, do pó do passado, os grandes nomes que tinham por alvo o ideal superior ao interesse proprio?

Hoje o dinheiro cada vez se vae tornando a mais forte alavanca que tudo é capaz de fazer mover; não será, portanto, fecundo, ouvir-se falar de bellos exemplos de abnegações, fazer passar perante a imaginação impressionavel da mocidade a vida dos homens que não faziam consistir a suprema felicidade na posse de muitos palacios, muitas carruagens, nos muitos festins, mas sim no dever virtuosamente cumprido?

Assim, continuam, o estudo das linguas classicas torna a mocidade apta a conhecer e admirar Aristides e com elle a justiça pura, desinteressada, Leonidas e a perfeita dedicação pela patria, Socrates e a serena sabedoria, Epaminondas e a virtude incorruptivel, Pericles e a harmonia perfeita das faculdades humanas, Cincinato e a grandeza civica, Cesar e a horoicidade bem orientada, Fabricio e a incorruptivel frugalidade, Bruto e Catão e o santo amôr pela liberdade. Sim; e, além destes, muitos outros exemplos de grandes virtudes e brilhantes caracteres passarão deante das vivas imaginações proprias dos verdes annos, deixando num fundo sulco a boa semente que ha-de florescer e fructificar.

Mas ainda mais. Foi na terra fértil da Grécia e do Lácio que surgiram e resplandeceram as artes num maravilhoso culto pelo bello. Nos valles floridos, cercados pelos perfumados montes da Hellada, onde as abelhas de ouro fabricavam o mais suave mel, expandira a alma humana os mais encantadores hymnos de luz com Anacreonte, Sapho, Pindaro. Nessas rochas batidas pelas vagas glaucas do Mediterraneo lançou o divino Homero os versos da mais sublime das epopeias; e perante o mais artistico dos povos fizeram Eschylo, Eurípides e Sophocles chorar a alma humana. Depois, na terra latina, Horacio, Virgilio, Ovidio, Catullo e tantos outros continuaram o culto do bello. Foi nessas regiões, para sempre benditas, onde os genios de Phydias, Praxiteles, Scopas e Polycleto animaram o branco marmore frio, e fizeram apparecer desses duros blocos almas chorosas, como a lastimosa Niobe, a intelligencia serena e augusta como a Athena do Parthenon, a belleza suave na Aphrodite de Knidos, e a força viril no Hercules de Lansdowne, e a perfeição no Apollo de Belvedere, e sempre a belleza das linhas, a harmonia dos contornos, e o sôpro do genio. Ora não será concorrer para o engrandecimento da alma humana, torná-la apta a entender as linguas dos povos que taes maravilhas produziram?

E não seremos nós a negar uma grande parcella de verdade á base desta argumentação; mas de modo nenhum lhe poderemos reconhecer força sufficiente para fazer do grego e do latim partes fundamentaes numa educação moderna. Nós, realmente, sentimos tambem vibrar a alma de enthusiasmo, ao ouvir os gloriosos nomes dessa pleiade illustre; mas ainda mais nos vibra o coração quando citamos os nomes não menos gloriosos dos «varões assignalados» da nossa historia patria, que tambem podem ser offerecidos á juventude como exemplos dignos de serem seguidos.

Sim, para se apresentar aos rapazes de hoje caracteres elevados e virtuosos, não é necessário ensiná-los a ler os livros

dos antigos, porque a nossa patria tambem teve filhos illustres que fizeram cessar «do grego e do troyano a fama que tiveram». Façamos surgir perante os olhos dos nossos filhos as figuras sublimes de Egas Moniz, exemplo grandioso de honradez e patriotismo, de Martim de Freitas, a personificação viva da lealdade mais digna, de Gonçalo Mendes da Maia, o «Lidador», a bravura e a força viril, de Nuno Gonçalves, que abrigava em seu peito o mais ardente amôr pela patria que gera em todos os tempos os semi-deuses, de Nuno Alvares Pereira, heroe e santo, cuja vida não se obscurece perante os mais nobres feitos dos velhos tempos, e os filhos de D. João I, e os heroes da India, e os combatentes de Arzila e Tanger, e toda uma pleiade de almas bem formadas, de corações elevados, que tornam incomprehensivel como se queira ensinar, com largo desinvolvimento, o grego e o latim, para os nossos filhos terem perante os olhos exemplos de virtude e heroísmo, commettendo-se um verdadeiro crime de lesa-patriotismo, creando-se, nos espiritos juvenis, a errada noção de que só nesses povos da antiguidade havia homens capazes de feitos illustres, e contribuindo-se, assim, ainda mais para se tecer, em volta dos heroes gregos e latinos, uma falsa aureola de homens unicos, duma constituição que jámais tornasse a haver sobre a terra, de semi-deuses.

E não queremos insistir na circumstancia de que nos povos ainda hoje vivos, e cujas linguas modernas tantas vantagens offerecem, todos, mais ou menos, se podem orgulhar duma ala de homens assim illustres, tendo todos contribuido para o ennobrecimento da humanidade, para o engrandecimento da raça humana, e cujas almas deixam nas bronzeadas paginas da historia reflexos brilhantes de luz viva.



Depois deste argumento a favor do estudo das linguas mortas, filho daquella admiração que a tão perfeita cultura classica provoca nos espiritos, e que não se apaga, nem se esbate com o decorrer vertiginoso dos seculos, os mesmos partidarios desse systema de estudos citam novo fundamento, de ordem e aspecto bem diversos, mas que sublinham com energia, e declaram decisivo e inabalavel. Pretendem que o estudo destas linguas é um poderoso agente para desinvolver o espirito dos alumnos, as suas faculdades, as suas forças mentaes. Em virtude das complicadas regras grammaticaes, das suas variadas declinações e conjugações, a sua difficullosa e especial construcção, que não exclue bellezas linguisticas, e do seu character accentuado e perfeitamente synthetico, exigem essas linguas que o alumno dispense uma grande attenção, e concentre intensamente o seu espirito no respectivo estudo. Essas qualidades, diversas das proprias da lingua-mãe, obrigam o alumno a um exercicio mental que o professor deve regular e dirigir, e que, assim graduado e bem orientado, se torna uma poderosa fonte gymnastica intellectual de largos effeitos.

Não era sem esforços, não era repentinamente que os gregos conseguiam formar entre os moços das familias de Athenas e Esparta perfeitos modelos da belleza viril. Era por meio de exercicios realizados á plena luz do dia, nos quaes se glorificava a força physica, e que chegava a fazer parte das cerimonias religiosas; e era nos jogos olympicos, nos pythicos, nos nemeus, era nas corridas, no lançar do disco, nas lutas, que elles adestravavam os musculos, robusteciam o corpo, se tornavam fortes e ageis, dextros e invenciveis; e,

assim, conseguiam com um punhado desses mancebos vencer numerosas cohortes de asiaticos.

Ora, assim como os musculos precisam de gymnastica para se desinvolverem, tambem as cellulas cerebraes necessitam de exercicios que tendem a um fim semelhante. Não é abandonando-as á simples acção da natureza que conseguimos formar os cerebros bem dotados. E esta verdade, que deste modo é evocada a favor do estudo desinvolvido das linguas classicas, é tão evidente que ninguem, durante um só momento, pensa em rebatê-la.

A difficuldade, porém, está só em saber quaes são os exercicios que devemos aconselhar para constituirem essa gymnastica intellectual necessaria, imprescindivel nas modernas educações, e, agora, neste ponto é que principiamos a divergir.

Porque nós de modo nenhum podemos aceitar como axioma que o estudo do grego e do latim, com as respectivas grammaticas e um complexo e fatigante systema de versões e retroversões, seja a unica *gymnastica* para cerebros moços, e até, indo mais longe, seja a melhor *gymnastica*.

Pelo contrario, para esse effeito, o primeiro logar ha-de ser sempre occupado pela mathematica, sciencia que, com as suas deducções logicas, com os seus caracteres de precisão, nitidez e exactidão, mereceu ser denominada «a razão de Deus». Na mathematica é onde devemos sempre buscar os exercicios cujo conjuncto, obedecendo a um determinado plano, constituirão sempre a verdadeira gymnastica intellectual, que desinvolverá forças e energias sem desperdícios inuteis.

Com o fim de exercitar a memoria e a intelligencia não é preciso recorrer-se ás linguas classicas. As linguas vivas, egualmente, fornecem aspectos que têm como resultado exercicio intellectual, fazendo a comparação duma palavra estrangeira com a correspondente na lingua materna, notando as analogias e as differenças que se observam entre as mesmas, obrigando os alumnos a raciocinar, a fim de terem bem nitida e precisa

a noção das subtilezas, de todos os modos de dizer peculiares a uma lingua. A vantagem do ensino das linguas manifesta-se assim, e não só no desinvolvimento gradual e harmonico das faculdades mentaes com exemplos concretos que se apresentem, sem cançar o espirito, pois os alumnos, realisando só um certo minimo de trabalho de abstracção, vão tendo tambem conhecimento duma lingua cuja utilidade está ao alcance das suas intelligencias. Comprehende-se facilmente que, em pleno seculo xviii, Rollin se desculpassem de não ter escripto em latim a sua obra intitulada *Tratado dos Estudos*, pois no seu tempo o latim era mais empregado no mundo culto do que a propria lingua franceza; mas já o mesmo se não dá actualmente. Hoje o latim e o grego jazem, desde ha muito, entre as coisas vetustas, de uso muito restricto. Assim vê-se que antigamente se aprendia o latim para ser falado, e não unicamente para a comprehensão das obras classicas.

Geralmente nunca os alumnos das escolas secundarias sentem em si o gosto pelo estudo do latim, que revelam em outras materias. Passam todo o seu curso sem poderem interpretar uma obra classica que cause prazer ao espirito. Durante os primeiros annos, todo o ensino se concentra nas pesadas e monotonas regras grammaticaes e na applicação da sua difficultosa construcção syntactica, e de vez em quando traduzem trechos de qualquer obra, cujas bellezas não podem apreciar, mesmo em virtude do enorme esforço que tiveram de empregar para perceberem a significação de algumas linhas.

Por acaso este abatimento de espirito tambem se revela nos nossos estudantes quando estão a estudar uma obra de Shakespeare, Goethe ou de Racine? Ah! podem fazer mais consciencioso e profundo estudo literario e linguistico, pois com menores esforços facilmente se acham compenetrados das ideias dos autores. Ainda se poderia exigir aos alumnos duma escola superior que se applicassem com intenso trabalho ao estudo

do latim, pois tendo já o cerebro mais fortemente desenvolvido, com mais facilidade se entregariam a estes estudos. Comtudo a alumnos de tenra idade, o prolongado esforço sobre as linguas mortas seria de effeitos prejudiciaes, dar-lhes-hia aos cerebros um pouco o aspecto de *machinas pensantes*. Não percebendo para que fim devem adquirir estes conhecimentos, principiariam a sentir um aborrecimento inaudito pelo estudo do latim, que se estenderia depois a todos os outros trabalhos. Já assim não succede com as linguas vivas, cuja utilidade se impõe ás suas intelligencias, e ouvem frequentemente falar, sentindo até uma certa curiosidade em poderem comprehender os livros que se deparam á sua vista. Os alumnos das nossas escolas têm, na sua grande totalidade, a noção do trabalho, e com vontade se dedicam aos estudos, sempre que nos mesmos vêm vantagens que lhes possam advir para a sua vida futura.

De resto, o character synthetico tão apreciado no latim, e tão citado para se recommendar o estudo desse idioma, como solido exercicio intellectual, não é exclusivo da lingua do doce poeta de Mantua. Essa mesma qualidade encontra-se, bem definida e bem pronunciada, na lingua allemã, cujas regras grammaticaes são altamente racionaes, isto é, não apparecem arbitrarias, não deixam de ter uma visivel razão de ser, mas baseiam-se em determinadas considerações, têm motivos justificativos, e são, por assim dizer, partes dum todo perfeito. E, então, por que razão abandona-se uma lingua moderna de tão extensa e intensa utilidade para desenterrar-se um velho idioma a pretexto de exercicios intellectuaes que, sendo, aliás, muito justificaveis, não devem nunca passar a ser *jongleries* de regras, phrases e esquisitices linguisticas?



Querendo ainda lançar triunphantemente mais um argumento a favor dos seus principios, os partidarios duma invasão de latim nas escolas secundarias affirmam, num ar de segurança inabalavel, que o respectivo ensino é indispensavel para todos os povos do grupo romanico, pois as linguas destes não são mais do que latim adulterado, transformado; nem devem ser consideradas como filhas do latim, mas, indo-se mais longe, como uma verdadeira continuação dessa mesma lingua, com modificações, alterações que soffrem na sua evolução atravez dos tempos. Assim o estudo do latim, para nós, não deveria ser considerado o ensino duma lingua morta, nem duma lingua estrangeira. É o estudo duma bella lingua que elegantemente e nobremente resoava no *forum*, e que, não morrendo, nem se tendo expatriado, continuou resoando em edades successivas, numa continua evolução, á face do globo, até que um bello dia resôa vibrantemente na fôrma da nossa lingua-mãe. Pô-la hoje de parte, com o pretexto de que morreu, é ingratição, e com o pretexto que é estrangeira é blasphemia. Entre o latim e o portuguez não se poderá jámais encontrar o ponto nitido e preciso onde a divisão e a separação haja de ser feita. Seria como que trincar a propria alma, e lançar para um tumulto uma parte do nosso espirito, que, por ter evolucionado, não pode repudiar o seu passado, sem se mutilar.

É que solememente dizem os paladinos dum profundo estudo do latim. Mas nós, continuando a partir do principio de que a educação deve dar elementos de progresso, e não prender se com vagas considerações, perguntamos se porventura será necessario obrigar um alumno a estudar, durante todo o seu curso, a lingua latina a fim de possuir um completo e per

feito conhecimento pratico da lingua materna, que todos nós apprendemos logo ao nascer, sem quasi dar por isso? Todos os oradores, que são capazes de dominar uma multidão inteira pelo brilho e correcção da sua palavra fluente e persuasiva, não carecem, certamente, de estudar as origens do latim para nos legar os seus modelares discursos.

É, incontestavelmente, de grande valor a historia de uma lingua desde as suas origens, e podermos conhecer a genesis e evolução dos vocabulos. Mas esse estudo desinvolido e profundo, com o fim de fazer surgir a completa historia evolutiva da lingua patria, deve, evidentemente, fazer parte de todo o curso destinado a esse fim especial, e deve prender a actividade dum certo grupo de pensadores e estudiosos que a taes problemas se dediquem. Mas nunca se poderá encontrar, debaixo desse ponto de vista, um argumento a favor da introdução de tal ensino nos institutos secundarios, como elemento indispensavel á geral educação do homem de hoje, sacrificando-se grande parte da sua energia, que poderia applicar-se numa mais util tarefa, e roubando-lhe tempo que poderia ser destinado á conquista de mais solida e moderna arma para a luta pela vida. Na impossibilidade de fazer do curso secundario um curso encyclopedico, é indispensavel harmonizarem-se as diversas disciplinas, e restringir o que possa sê-lo, com o minimo de perda em conhecimentos uteis. A philologia, como sciencia, data, entre nós, por assim dizer, dos nossos dias, e sómente nestes ultimos trinta annos é que se principiou a estudar com certa attenção a historia das linguas, que antigamente quasi se ignorava, o que não impedia, todavia, o apparecimento de verdadeiros genios na literatura mundial.

Na instrucção secundaria é sufficiente dar aos alumnos umas leves noções de latim, a fim de, sobretudo, comprehenderem as fórmulas grammaticas, e serem capazes de distinguir se uma palavra nos veiu por via erudita ou popular. Além disso, as palavras que apparecem na nossa lingua vindas

do latim não apresentam difficuldades de tal ordem que se torne necessario gastar muitos annos no estudo deste idioma. Mas até que valor terá o conhecimento profundo da etymologia das palavras, quer no campo vulgar, quer no campo technico? As sciencias estudam-se, e trabalha-se com instrumentos sem ser preciso saber a origem dos nomes dos mesmos, pois o leigo não ficará no estado de poder manejar um instrumento de optica ou usar qualquer outro aparelho de physica, se souber explicar a origem dos nomes destesapparelhos, caso não fizesse estudos especiaes, e do mesmo modo quem tiver feito estudos e experiencias physicas dispensa, de bom grado, a etymologia dos termos que apparecem nas sciencias, assim tambem não é por se conhecer toda a genealogia evolutiva dos vocabulos que se não sabe fazer um uso correcto dos mesmos. A historia evolutiva duma lingua é um estudo, sem duvida, interessante e util, mas não se lhe deve reconhecer direito de ir occupar demasiado logar na actividade de quem se tenha de dedicar a outros campos de mais geral interesse na vida intellectual da humanidade.

*
* *

Em breves palavras quizemos deixar exposto que hoje, nesta nossa epoca duma fecunda e intensa febre de trabalho, em quanto a humanidade espalha, á superficie de toda a vasta terra, a semente doirada que ha de fructificar em mais felizes edades, nestes dias de funda fecundação, não ha vantagem, e, portanto, não ha direito de demorar a mocidade actualmente mais cedo e mais intensamente avida de ir occupar o seu logar na continua ascensão para a perfectibilidade, não ha vantagem, nem direito de demorar os rapazes, actualmente mais curiosos duma vida intellectual mais febril, com um estudo longo e completo das linguas, bem que lindamente

moldadas e buriladas, dos classicos do passado; e isto, sobretudo, porque o tempo não é elastico, e cada vez se torna mais imprescindivel o conhecimento das linguas modernas, cujo estudo é que tem, realmente, altas vantagens, porque dota-nos de fortes armas de *strugglers*, e, portanto, tem direito de exigir um extenso logar nos programmas da educação moderna.

Assim temos que nos campos das sciencias não ha nenhuma, que não exija nos seus adeptos, nos seus discipulos, nos seus apóstolos e até nos seus martyres, vasto conhecimento das linguas vivas, quasi uma garganta como aquella de que fala o poeta: «*mon gosier de métal parle toutes les langues*». Se não se pôde exigir do homem moderno uma garganta assim metálica, podendo falar todas as linguas, ha, todavia, quatro que não devem ser ignoradas pelos homens de sciencia do nosso seculo: o *francez*, o *allemao*, o *inglez* e o *italiano*. Para as sciencias não ha fronteiras, o espirito humano galga montes e mares, e ha um continuo, constante fluxo e refluxo de ideias que sobem, e descem, e se agitam e tumultuam e lutam. Entre as varias escolas, entre as diferentes universidades ha, ou deve haver, um constante commercio de ideias para que o trabalho intellectual seja fecundo, para que a sciencia se erga em toda a sua majestade, e para isso deve aprofundar-se o estudo das linguas vivas. Como nuvens doiradas do sol, espalhando-se pelos horizontes, tambem as ideias illuminadas pela verdade se espalham em todas as direcções.

Vejam-se as sciencias jurídicas, a sociologia, a jurisprudencia, as sciencias economicas, quem as poderá estudar sem se conhecer as linguas modernas! Se na França surgem theorias e escolas, na Allemanha igualmente nascem, e na Italia, e em outros paizes! Será licito conhecer-se só Proudhon, Fourier, Saint-Simon, Gustave le Bon, Fouillée e pôr-se de parte Karl Marx e Ihering, e desprezar Lombroso, Ferri, Loria, Garofalo? Será admissivel que só sejam ouvidas as pala-

vras doudas pronunciadas nas cathedras da Universidade de Paris, da Sorbonne, dos Institutos e Academias da França, e ser-se surdo ás palavras igualmente doudas das Universidades de Colonia, de Bonn e Heidelberg, das Academias e Institutos da sabia Allemanha e da erudita Italia? Abra-se qualquer livro, leia-se qualquer prelecção sobre assumptos juridicos, e, immediatamente, ver-se-hão misturadas theorias, ideias, palavras de mestres de todos os paizes. Ai, quantos seculos de atraso não contariam estas sciencias, se não fosse este bemdito commercio entre o intellectualismo dos diversos povos!

Estas considerações têm equal importancia para todas as outras sciencias. Na medicina os estudiosos devem ser como irmãos dominados por um verdadeiro ideal, e dedicados a um trabalho commum que concorra para vencer a miseria humana. Se na França ha nomes illustres como Pasteur, Doyen e muitos outros, tambem a Allemanha se orgulha de nomes como Braddon, Behring e Koch, e a Inglaterra tem tido medicos distinctos como Wright. Se os hospitaes e as escolas medicas francezas merecem ser visitados, de modo algum podem ficar esquecidos os hospitaes allemães e inglezes, e as escolas medicas desses dois povos.

Na Mathematica, na Physica, na Chimica, igualmente o estudo só pode ser proficuo e levantado por quem puder apreciar Berthelot, Ostwald, Mach, Thompson, Crook, Rutherford e tantos outros, isto é, por quem conhecer o francez, o inglez e o allemão, e, assim, poder acompanhar os progressos dessas sciencias sem atrasos que prejudicam, sem interrupções que inutilizam muitos esforços.

*

* *

Mas não é só para as lucubrações intellectuaes, nem para o avanço das varias sciencias, por meio das quaes o homem

vai firmemente satisfazendo a sua ancia de verdade, que são indispensaveis as linguas vivas. Para o proprio trabalho ser fertil e triumphar, egualmente necessario é que na educação moderna essas linguas desempenhem um papel de alta importancia. Nos grandes centros, onde as officinas, os laboratorios e as fabricas vão erguendo a grande epopeia do trabalho, que dignifica e glorifica a natureza humana, nessas laboriosas cidades onde o ruído das machinas, como o bramir do vasto oceano, nos fala numa vida util e progressiva, nos mercados, onde se cruzam as caravanas dos legionarios do trabalho, sabe-se que um dos principaes instrumentos para vencer na ardua luta de concorrencia é, sem duvida, a aptidão para falar outros idiomas além da lingua materna.

Analyse-se na historia do seculo xix quaes os povos que mais solidamente têm conquistado mercados e centros de vida, e ver-se-ha que foram sempre aquelles que nitidamente comprehenderam essa verdade, e firmemente a inscreveram nos porticos das escolas destinadas a crear esses audazes campeões, que pelo globo vão assegurando os meios de conseguir que nas suas patrias jamais pare o fertil e crescente movimento das machinas e dos operarios. Foi assim que a Allemanha talhou na terrá um importante e seguro lugar, chegando a empurrar para o lado importunos rivaes e concorrentes. E o povo allemão depressa mostrou, no seu admiravel progresso de 30 annos, como fez bem em intender que o conhecimento dos idiomas estrangeiros é um dos predominantes elementos de força para a nação que quizer triumphar ou nos campos de batalha ou nos campos do trabalho.

Desde muito tempo que o pequeno aprendiz allemão em qualquer casa commercial tinha de dedicar horas do dia a estudar o francez e o inglez, mas ao findar o seculo xix, reconheceu-se tanto a que ponto isso era vantajoso que em 1895 se fundou a *Associação para o ensino do Alto Commercio*, por meio da qual se devia espalhar a juventude trabalhadora

para os quatro pontos cardeaes, a fim de se marchar á conquista do commercio mundial. Depois duma consulta ás camaras do commercio fundaram-se as *Escolas do Alto Commercio*, onde se exercitam os futuros commerciantes activamente em correspondencia e nas operações de cambio com todos os paizes do mundo. E para honrar o trabalho humano, honrando conjunctamente assim o seu alto espirito de monarcha moderno, Guilherme II ergueu essas escolas á altura das universidades, e concedeu, depois duma lucta de preconceitos, o titulo de doutor aos respectivos diplomados por estas escolas. A prosperidade germanica prova bem que, industrial, commercial e financeiramente, o estudo das linguas é condição essencial para a conquista, e o emissario dotado desse estudo vale bem mais para o progresso na *Welt-Politik*, do que um soldado carregado de aço e de ferro!

Nestes ultimos 50 annos tem-se assistido na Europa ao duello interessante entre a Allemanha e a Inglaterra com respeito ao dominio industrial e commercial, e as estatisticas provam como o progresso se tem inclinado a favor da primeira, porquê? Pela instrucção; porque a Allemanha soube erguer uma *standing army of scientific men* como confessam os proprios inglezes, e esse exercito tem conseguido vencer verdadeiras batalhas. Eis como um inglez aprecia a Escola do Alto Commercio: *Esta escola é um bello exemplo de previdencia germanica em calcular as necessidades do futuro e a satisfazê-las de antemão. Os effeitos serão de duplicar ainda a expansão allemã. O seu fim é todo pratico. Os programmas elaborados por pessoas praticas foram discutidos e sancionados pelo segundo congresso de educação commercial organizado em Leipzig em junho de 1897 (1).*

Ora a superioridade germanica reside, sobretudo, no conhe-

(1) *Miscellaneous Series*, n.º 468, p. 1.

cimento perfeito das linguas estrangeiras; confessam-no os proprios rivaes, e se não, leia-se o que disse o consul inglez de Stettin, quando a Inglaterra procedeu a um largo inquerito commercial: *Uma grande parte do saber commercial na Allemanha actual veiu-lhe da Inglaterra por meio de mancebos empregados como clerks, e encarregados, sobretudo, de correspondencia estrangeira. Esses clerks ficam na Inglaterra três ou quatro annos. Sahiram da sua terra dizendo alto: «Eu vou para Inglaterra apprender tal assumpto; voltarei daqui a três annos». E conseguem sempre estudar o que disseram. Porque? Simplesmente porque, entre os empregados inglezes não ha um sobre mil capaz de fazer a correspondencia estrangeira* (1).

Na realidade todos os factos concorrem para demonstrar o theorema economico de que, para a conquista de mercados e respectivo estreitamento de relações, um dos principaes elementos é, e será sempre, o saber-se manejar as linguas vivas. Não nos demoremos mais nesse ponto. E como essa conquista é o grande problema vital para o progresso e o predominio das grandes nações, temos que é o ensino dessas linguas um dos aspectos da educação de hoje mais digno de prender a attenção dos que aspiram á grandeza da propria patria.



Uma vez explicado o papel importante que as linguas vivas desempenham hoje em toda a vida activa das sociedades, facilmente se comprehenderá que para o seu estudo se tenha voltado a attenção de pedagogistas e educadores. E como modernamente essas linguas são chamadas a representar uma

(1) *Annual Series*, n.º 2064.

verdadeira força productiva de trabalho, temos que nestes ultimos annos o respectivo ensino tem soffrido profunda e radical transformação. Com estudo intenso se tem analysado quaes os principios sobre que se devem basear os methodos e os programmas, para se constituir um todo pedagogico util, perfeito e completo.

Foi com um verdadeiro enthusiasmo que se principiou a fazer convergir toda a attenção para a solução dos varios problemas deste ensino, que tantas discussões consigo arrastou. E como o que era velho já não servia para a nova sociedade, de todos os paizes se levantaram vivos protestos contra as antigas fôrmas de se ensinar as linguas vivas. Na cathedra, em livros, folhetos, conferencias, têm-se estabelecido doutrinas, discutido theses, estudado problemas, feito experiencias para a fundação dum novo systema, que garantisse uma solida e pratica educação aos futuros membros da sociedade, de harmonia com as necessidades do seculo. Decretou-se uma guerra sem tréguas a todo o ensino que não fosse pratico e deductivo, e que se limitasse ao frio e mecanico conhecimento de se saber grammaticalmente uma lingua viva como uma lingua morta. Do mesmo modo que os fins destas linguas são diversos, egualmente diversos devem ser os seus methodos de ensino.

Reconheceu-se como o fim fundamental do estudo das linguas vivas é tornar o alumno apto a falá-las, e assim a communicar com maior numero de homens, seus collaboradores no grande edificio que se vae erguendo para a prosperidade da sociedade futura, e cujos alicerces vão sendo solidamente estabelecidos. Reconheceu-se que o fim desse estudo é dar ao homem de hoje o principal elemento para tornar mais vasto o meio social em que a sua acção se faz sentir, e, ao mesmo tempo que este se alarga e estende por cima do globo, estreitar os laços indispensaveis á sua cohesão, a essa cohesão que deve ser tão intima, que certos sociologos chegaram a

julgar vêr nas sociedades o character de verdadeiros organismos. Pretende-se, pois, habilitar a mocidade a manejar as linguas estrangeiras como a propria materna, e assim, é indispensavel pôr de parte todo o artificialismo para se abraçar o que é natural — a verdade — abandonando tudo o que seja simplesmente mecanico pelo que fôr racional.

Viu-se, desta fôrma, que o melhor meio para se abrir o caminho e chegar ao que se procurava era o methodo oral! Nasceu, então, o *methodo directo*, que veio estabelecer as verdadeiras bases dos sãos principios, e ao redor do qual se juntaram logo inumeros adeptos sustentando com fervôr e enthusiasmo a sua applicação para essas linguas vivas, nas quaes, como o proprio nome indica, deve palpitar vida, que se agite, que progrida, produza e fecunde.

*
* * *

Este methodo universalmente conhecido toma nomes diversos, sem, no entanto, mudar o seu fim intuitivo. Assim chamam-no o *novo systema*, o *methodo materno*, o *methodo nãtural*, *the reform-method*, *die neuere Richtung*, *la méthode orale*, *il methodo anti-grammaticale*, o *racional*, o *correcto*, o *methodo real*, o *imitativo*, o *phonetico*, o *anti-classico*, o *methodo moderno*, etc. Cada um destes nomes põe em destaque um aspecto, uma qualidade, uma vantagem propria, mas todos exprimem, em geral, a mesma ideia.

A base fundamental deste methodo é a *intuição*. Para ensinar-se a lingua que se tem em vista emprega-se essa mesma lingua. Pretende-se que os alumnos a sintam, sem ser preciso recorrer ao idioma materno. Ao ensinar as linguas vivas a unica relação que deve existir entre os alumnos e o professor é o uso exclusivo, logo desde o inicio, da lingua que se propõem estudar. Assim, por exemplo, se o professor quizer que os

seus alumnos tenham a noção da palavra allemã *der Tisch*, em inglez *the table*, em francez *la table*, e em italiano *la tavola*, nunca recorre ao termo correspondente a este na lingua materna, mas chamando a attenção dos alumnos para o objecto que o vocabulo representa, fazendo acompanhar o sentido do ouvido pelo da vista, numa harmonia completa. Vêmos que os alumnos têm de operar um trabalho mental, entrando em jogo a imaginação, dirigida pelo professor. É esta a base de todo o methodo.

Pelo que dizemos, vê-se que este methodo, apesar de trabalhoso e fatigante para o professor, não é muito complexo. Limita-se a dizer o professor, em voz alta, pausada e clara, a significação do objecto que mostra aos alumnos, e ao qual prende a attenção e a imaginação destes. Depois de ter repetido a palavra que representa esse objecto, fá-la novamente repetir por varios alumnos, e no fim elle mesmo a escreve no quadro. Torna-se necessario que os alumnos estejam com a maxima attenção, pois qualquer falta da mesma prejudica immediatamente o systema de se ensinar oralmente as linguas vivas. Na aula não se pronuncia nenhuma palavra na lingua materna, e, assim, logo á entrada para a mesma o professor cumprimenta os alumnos na lingua que vae ensinar. Qualquer observação, qualquer ordem que o professor dê na aula, e que necessitem apenas de breves palavras, devem ser feitas na lingua que se ensina, e é frequente ouvir-se nas aulas de allemão, inglez e francez as seguintes palavras que o professor dirige aos seus alumnos: *Aufgepast, wiederhole, fahre fort, Bücher zu, fange an, gehe an die Tafel, nehmt die Bücher, geh an deinen Platz zurück, das ist falsch, das ist richtig*, ou *attention, I repeat it, stand up, go back to your seat, open your book, shut the door, come here, go to the black-board, take up the chalk*, ou então, *attention, ouvrez vos livres, continuez à lire, allez au tableau noir, asseyez vous, dites de*

nouveau, prenez le crayon, allez-vous-en, écrivez ce mot, soyez tranquille, etc.

O estudo da grammatica não entra neste methodo como um elemento independente. A grammatica assim considerada é totalmente banida. Não se julgue, comtudo, que não se dêem noções grammaticaes. Puro engano. Mas este ensino é todo intuitivo, e ensinam-se as regras expondo primeiro muitos exemplos claros e precisos para a comprehensão da criança, e depois é que intuitivamente se formula a regra. Ao contrario do que antigamente se fazia, apresentam-se primeiro exemplos, e depois é que vem a explicação grammatical — sem a fórma rigida de regra — deduzindo-se logicamente, com muitos exemplos comparados, as differenças existentes, que os alumnos vão percebendo directamente. Renuncia-se, até certo ponto, ás multiplas excepções que se deparam nas linguas para sómente fazer resaltar as regras fundamentaes. Continua-se, assim, a marchar do ouvido parâ a vista, e da comprehensão para a memoria.

Desta fórma o ensino grammatical será, sobretudo no principio, caracteristicamente *occasional*. Mas nunca o professor se deve esquecer de que o conjuncto completo deve ser um todo systematico; e, portanto, esse ensino não pôde ser a indicação arbitraria de fragmentos, *migalhas*, de grammatica, o que mostra como desde o principio deve haver ordem e methodo.

Todos os exemplos são ensinados intuitivamente, servindo-se o professor do gesto. Por exemplo, explicando a declinação dos substantivos e adjectivos em allemão, o professor dirá, dirigindo-se a toda a classe, e apontando para um dos seus alumnos: *dieser Schüler hat ein Buch, das Buch dieses Schülers ist offen, gib dieses Buch diesem Schüler*; numa aula de inglez, para explicar aos alumnos o genetivo possessivo, servir-se-ha o professor de processo identico, dizendo: *the teacher's chair is in front of the table, the pupil's book is on the teacher's table*; e numa classe de francez o professor para

explicar quaes são as differentes fórmãs dum verbo acompanhará pelo gesto a acção expressa no mesmo. Assim, depois do professor ter dado ao alumno phrases como: *j'ouvre le livre, je ferme le livre, j'ouvre la porte, je ferme la porte, j'ôte mon chapeau, je lis la leçon, je salue le professeur*, explicará o preterito indefinido, o preterito definido, e o preterito imperteito, abrindo o livro e dizendo em seguida: *j'ai ouvert le livre*; depois fecha-o, dizendo: *j'ai fermé le livre*, etc. Os alumnos comprehenderão que esta ultima fórmã foi empregada depois de se ter executado uma acção, tendo, assim, a noção exacta do passado. Os outros tempos explicar-se-hão do mesmo modo. Todas estas phrases devem ser acompanhadas de movimentos, de gestos correspondentes, de modo que os alumnos vão aprendendo a lingua, pondo em actividade todos os sentidos, o *ouvido*, a *vista* e o *tacto*. Deste modo, querendo-se explicar os graus de comparação, ou exprimir-se a diversidade de grau duma determinada qualidade em differentes objectos, é pelos sentidos que o alumno deve ir comprehendendo — *vendo*, e *apalpando*, e *ouvindo* — como essa diversidade é expressa na lingua que estuda. E deve-se sempre ter na mente que do exemplo é que deve brotar a comprehensão da regra, e pela repetição de exemplos é que a mesma deve ficar fixa na memoria até ao ponto em que isto necessario fôr, pois esta nunca deve ser sobrecarregada. Estes exemplos, todavia, já não são simples phrases que se citam, mas phrases que traduzam acções que os alumnos estejam vendo, factos que os alumnos estejam observando com os proprios sentidos.

No ensino das linguas por este methodo reage-se contra os *themas* e as *traducções*, que chegam a ser anathemizadas, e consideradas como *traições*, por levarem os alumnos inconscientemente a entender que é palavra por palavra que as diversas linguas devem ser comparadas entre si, e como *obstaculos*, pois concorrem para evitar que os alumnos se

habituem a servir-se da lingua estrangeira sem o intermediário da lingua materna, sem o *traço de união*, que seria a palavra da sua propria lingua, e, assim, impedem fortemente que cheguem a poder algum dia pensar no idioma estrangeiro. Portanto para os exercicios escriptos adoptam-se diversos methodos. Assim, por exemplo, faz-se transformar aos alumnos os numeros, os generos, os tempos num trecho; dirigem-se perguntas escriptas na lingua estrangeira ás quaes os alumnos respondem, tambem por escripto, na mesma lingua; faz-se descrever qualquer narração contada na aula, resumir trechos que se lhes dão, redigir cartas sobre assumptos que interessam nesse momento, e, mais tarde, teremos, então, a descripção de factos geographicos e historicos, procurando-se assumptos que prendam a attenção dos alumnos.

Em todo o caso os *exercicios de conversação* têm sempre, segundo o methodo directo, predominio sobre os exercicios escriptos. Deixa-se, a pouco e pouco, a formação de phrases simples para se tratar de tornar possivel uma conversação mais desinvolvida. O professor procura estabelecer conversas com todos os alumnos duma classe sobre factos diarios que os interessem, o que elles fazem de tarde, o seu estado de saúde, os seus divertimentos preferidos. Tambem se fala ácerca de qualquer obra que se tenha estudado, fazendo-se diversas perguntas sobre a sua interpretação, o seu estilo. Muitas vezes imagina-se uma viagem, um passeio, um divertimento qualquer, e divaga-se sobre este assumpto. Estes exercicios de conversação encontram um grande auxiliar em *quadros parietaes*, representando varias scenas da vida, e cuja descripção dá assumpto para o desinvolvimento de uteis exercicios dessa natureza. Para as classes adiantadas prefere-se, em geral, uma conversa sobre critica literaria, discussão sobre qualquer facto historico ou social. O que é importante é o professor conservar sempre estas aulas num estado de vivacidade constante, e jamais cansar o espirito dos alumnos, sabendo

variari os assumptos, e alargar a conversação com ordem e methodo.

Um ponto capital no ensino das linguas pelo methodo directo reside na pronuncia. Para isso o professor terá todo o cuidado em que os alumnos pronunciem bem os vocabulos, fazendo repetir por estes as palavras mais difficultosas, sobretudo por aquelles que mais correcção tenham. Se um alumno pronunciar mal uma palavra, immediatamente o corrigirá, pois, logo desde o inicio, deve-se fazer perder ás crianças as incorrecções, por mais leves que sejam, a fim de não chegarem a acostumar o ouvido das mesmas a quaesquer vícios ou defeitos.

*
* *

Eis exposto o que vem a ser, nas suas linhas geraes, este methodo que tão elogiado tem sido, tanto tem sido defendido, desinvolvido e explicado, como sendo o unico proprio a fazer desempenhar ás linguas vivas o papel que tenham a representar de harmonia com as exigencias dos tempos modernos, como instrumentos de trabalho. Não nos deixando, porém, immediatamente arrastar pela seducção que sempre exercem as novidades, e pelas vantagens que theoreticamente nos apresenta, devemos examinar se nos é licito ser partidarios desse systema pedagogico, introduzindo-o nas escolas, ou se, pelo contrario, alguma cousa devemos conservar dos antigos processos de ensinar, ou se algumas modificações devemos introduzir no novo processo.

Apesar de reconhecermos — e ninguem com justiça o poderá contestar — que o methodo directo produziu uma verdadeira e salutar transformação no ensino das linguas vivas, acabando-se com o antigo modo rotineiro de se estudar estas, que no seu organismo respiram vida, á semelhança das que, tendo tambem tido já vida, tiveram, por sua vez, obedecendo á lei

fatal da natureza, de desaparecer, morrer para a vida prática, de modo nenhum deixamos de reconhecer que esse systema não pôde ser abraçado, *a priori*, immediatamente com toda a sua pureza, com todos os seus exaggeros, em todas as condições, e em todos os meios em que o ensino tenha de ser ministrado. Adoptar um processo pedagogico firme e inabalvel, rigido e immutavel para todos os casos, para todas as circumstancias, é um erro crasso de proselytismo e myopia, que pode levar ás mais graves consequencias, e que revela a mais grosseira ignorancia de psychologia. Nunca nos devemos esquecer de que as circumstancias têm de ser sempre attendidas, e o meio estudado, e que esse estudo, ás vezes, nos obriga a modificar na *pratica* o que na *theoria* scientificamente e cuidadosamente architectamos. Tudo na sociedade exige um trabalho de *adaptação*, e é neste trabalho que sempre se encontram as maiores difficuldades, e é nelle que devemos concentrar com mais zelo a nossa attenção. Deste modo toda a pedagogia — como, em geral, qualquer ramo da actividade humana destinado a applicar principios ás sociedades — exige um duplo trabalho: primeiro, a construcção do systema de principios; segundo, a adaptação desse systema ás differentes circumstancias.

Assim as condições a que temos de attender para resolver esta questão são, principalmente, as seguintes:

- 1.º Espaço de tempo disponivel.
- 2.º Numero de alumnos leccionados conjuntamente.
- 3.º Edades dos alumnos.
- 4.º Relações de similhança e differença entre a lingua materna e a lingua que se quer ensinar; além de outras circumstancias mais geraes e menos characteristics como a intelligencia dos alumnos, grau de applicação, etc.

Estabelecido isto, temos que, sem duvida alguma, o methodo directo é o que deve ser seguido quando essas circumstancias representam um certo valor, que não seria sem trabalho nem

discussão que se determinaria; mas quando apresentassem quaesquer variações esses valores-typos, já o methodo necessariamente teria de ser modificado. Assim representando esses valores ideaes por *a*, *b*, *c* e *d*,... temos que o methodo directo já necessita de correcções para *a'*, *b'*, *c'* e *d'*... isto é, suppondo que o systema deve ser typicamente applicado num espaço de seis annos, com oito horas diárias de contacto entre professores e alumnos, para o maximo de cinco ou seis alumnos conjuntamente, quando a lingua materna fôr o portuguez e a lingua a ensinar fôr o francez, de modo nenhum pôde ser applicado egualmente, quando essas condições mudarem.

Ora é este o ponto de summa importancia, e, tendo sido deixado na sombra, não lhe têm sabido dar o devido valor.

E para deixar bem frisada ainda esta circumstancia, pomos em destaque o facto de que este methodo egualmente tem sido denominado *methodo materno*, querendo-se com isso significar que é por meio das suas regras basilares que as mães ensinam seus filhos a falar a propria lingua. Attenda-se, agora, ás particulares relações existentes na vida commum entre mães e filhos, desde que estes balbuciam os primeiros vocabulos até á idade de razão, e ver-se-ha que um methodo, que em tal atmospheria se desinvolve, não pôde dar os mesmos fructos transportado para um meio totalmente diverso. As mães lidam horas seguidas só com seus filhos desde os primeiros momentos em que estes são banhados pela luz do dia, e, assim, um methodo baseado estrictamente nas regras do processo directo dá resultados no lar familiar, entre carinhos e cuidados. Mas, *a priori*, se deve concluir que com outro meio os resultados são fatalmente diversos.

O estudo que, portanto, agora nos interessa é ver se nas condições em que o ensino lyceal se realiza, o methodo directo pôde ser admittido, e no caso negativo se deve ser posto totalmente de parte ou se basta introduzir-lhe modificações, nunca esquecendo que é mais difficil este trabalho de adaptação dum processo pedagogico, do que a cega pratica absoluta dum methodo em todas as suas linhas.

Ora nos nossos lyceus o estudo das linguas modernas dá-se actualmente nas seguintes condições :

1.º Cinco annos para o francez, e seis para o allemão ou o inglez.

2.º Durante este prazo, o tempo dedicado a esse ensino varia de três a quatro horas semanaes.

3.º Um numero de alumnos leccionados conjuntamente que varia de quarenta a cincoenta e cinco, conforme as classes (1).

4.º Numa idade que vae de dez a dezasete annos.

Attendendo-se a estas circumstancias, claramente sustentamos que o methodo directo puro, em todo o seu rigor, de modo nenhum pôde dar resultados apreciaveis nos nossos estabelecimentos officiaes de ensino secundario, pois que essas condições fazem surgir fatalmente defeitos na pratica de tal methodo, defeitos capitaes que immediatamente o condemnam.

Deste modo varios são os motivos que nos fazem regeitar, para o ensino das linguas vivas nos lyceus, o methodo directo

(1) Veja-se o *Diario do Governo*, de 12 de setembro de 1908, n.º 205, pag. 2830.

puro, e, indo mais longe, achamos até que a sua applicação, tal como querem os seus defensores, em todo o seu rigorismo, é na pratica insustentavel e de efeitos inuteis. O que vem a ser o methodo directo puro? O completo isolamento do idioma estrangeiro de modo que os alumnos possam sentir a lingua que estudam. Ora falta-lhes logo esta primeira condição, base do systema todo, que é o meio, e este só se encontra vivendo no proprio paiz desta lingua. Tudo o mais é muito interessante, muito moderno, muito util em determinadas condições, mas não passará dum simulacro, duma *fumisterie* em outras. Assim o alumno, que pretende estudar uma lingua moderna, e fôr para o paiz da mesma, poderá então, com proveito incontestavel, estudá-la pelo methodo directo, mesmo sem ser preciso recorrer ao professor, pois encontra-o no proprio meio, respira no proprio ar essa lingua, o que nunca poderá succeder nas nossas aulas com algumas lições semanaes, conjuntamente com outras disciplinas, onde a lingua materna entra.

Esta falta do meio póde ser, de certo modo, corrigida, estabelecendo-se entre o professor e o alumno um contacto tão longo e intimo que produza os mesmos efeitos. Assim uma vez que o professor possa acompanhar o seu alumno durante a maior parte do dia, fazendo-o ouvir constantemente a lingua estrangeira ácerca de todos os assumptos, que vão surgindo perante a vista da criança, evitando, cada dia mais, que elle faça uso da lingua materna, e obrigando-o, sempre com maior insistencia, a ter de empregar todo o maximo esforço mental para fazer-se comprehender e traduzir os seus desejos na lingua que estuda, consegue-se estabelecer as condições necessarias para o bom funcionamento do methodo directo. Mas póde ser assim o ensino nos nossos lyceus? Todos nós sabemos que não.

Chamamos ainda a attenção para o facto de se dirigir este ensino, fatigante em grande parte para o professor, e tambem,

em parte, para os alumnos, a crianças de tenra idade que não podem sentir em si a força necessaria de vontade para estar nas aulas sempre com uma intensa attenção a fim de obter os effeitos deste methodo, effeitos que mais facilmente se podem manifestar em homens já feitos, que por seu motu proprio aspiram a conhecer uma lingua estrangeira.

Um dos erros maiores do methodo directo rigoroso consiste na abolição completa do emprego puro da grammatica, pois se ha linguas, como por exemplo o inglez, que possúe uma grammatica tão simples, tão facil, que a pratica dessa lingua é sufficiente para se poder falar correctamente a mesma, linguas ha, como o allemão, o russo, etc., cujas grammaticas são a chave de todo o ensino, não se podendo, sem estas, dar um passo na conversação. Sendo as grammaticas respectivas totalmente diversas da propria lingua materna, não podem ser ensinadas pelo ouvido, como accessorio. Assim — convictamente o declaramos — nunca o methodo directo póde só por si fazer comprehender aos alumnos a estranha e difficil construcção syntactica da lingua allemã. O contrario não passará duma utopia.

Devemos notar que o fim principal dum ensino todo moderno e pratico das linguas vivas não deve residir unicamente a saber-se falar correctamente uma lingua, a cujo resultado o methodo directo só por si não poderia chegar, mas tambem estar-se em condição de se comprehender o que se depára á vista, de modo a se poder assentar arriaes na vida intellectual, scientifica e artistica dos paizes mais adeantados. Não devemos cair num exaggero de utilitarismo. Além disso a utilidade duma lingua varia de classe para classe, e, ainda mais, de individuo para individuo. Assim quem se dedicar ao commercio, á industria e a outros ramos da actividade humana, necessita de poder entender os jornaes estrangeiros de larga informação commercial e financeira, e saber lêr, escrever e falar o preciso para satisfazer os seus interesses.

Os que convergem a sua attenção para os estudos da medicina, direito, philosophia, etc., devem estar aptos a poder acompanhar a brilhante transformação que se vae operando no campo destas sciencias nos outros paizes, isto é, precisam de possuir profundos conhecimentos linguisticos, sem lhes ser indispensavel saber, no entanto, falar com toda a perfeição as linguas vivas, para cujo fim, quasi exclusivo, trabalha o methodo directo, o qual, até nas suas aulas, nunca se refere a termos que mais tarde os futuros estudantes de medicina, direito, philosophia, etc., encontram nas obras que consultam. Aquelles que se dedicam ao magisterio secundario das linguas modernas é-lhes indispensavel conhecer as linguas tanto theoreticamente como praticamente, a sua historia, a sua literatura, a sua grammatica historica. Vemos, pois, que o ensino das linguas estrangeiras deve ser feito de modo a satisfazer as multiplas necessidades do homem.

*

* *

Todas estas considerações levam-nos a sustentar que as condições em que se realiza o ensino nos lyceus obrigam-nos a tomar como base o systema directo, mas combinando este com principios que não lhe pertencem. Assim, nos lyceus não se podem abolir completamente os livros de leitura, as grammaticas, as traducções; no entanto não devem ser a parte fundamental, e muito menos, portanto, a exclusiva de ensino, pois o essencial, a parte para que, principalmente, deve convergir o esforço do professor tem fatalmente de ser o ensino directo, e o resto só deve servir para estabelecer as *correções* necessarias para que o methodo se adapte ás circumstancias.

E no dia em que o professor achar bem o modo como realizar essa combinação de processos, reconhecendo os direitos

de cada methodo, e sabendo applicar os principios com justiça e firmeza, entrou nas nossas escolas secundarias muita luz bella e radiante.

*

* * *

Á face do desinvolvimento do estudo das linguas vivas na educação moderna, á face do importantissimo papel que têm de desempenhar na vida social do nosso seculo, os respectivos professores têm de ser dotados duma habilitação mais solida e moderna que, sobretudo, os torne aptos a adaptar os novos processos ás condições em que têm de exercer a sua acção. É, sem duvida, o mais grave problema a formação dos bons professores e a respectiva selecção, e para resolvê-lo, de harmonia com os principios, não devemos desprezar esforços, nem fugir perante sacrificios.

Com as exigencias da época em que vivemos, o ensino passou por importantes transformações, e estas immediatamente se fazem sentir no modo de recrutar o professorado. Esta affirmativa não se julgue que seja uma estreita sentença unicamente applicavel ao ensino das linguas, pois em todos os ramos da educação houve mudanças de methodos, ás quaes corresponderam egualmente transformações nos processos de se prepararem os mestres. Uma vida nova, uma nova seiva perpassa e lateja no organismo social, para fructificar radiosamente. Assim as sciencias passaram a ser explicadas intuitivamente, ensinando-se não a decorar, e mecanicamente repetir o que mecanicamente nos cerebros infantis se introduz, mas sim a observar, a fazer uso dos sentidos, para que o raciocinio surja natural e espontaneamente. E deste modo a missão do professor tomou, por completo, outro aspecto, ennobreceu-se, engrandeceu, tornou-se mais bella e mais util e fecunda. Já ninguem fala em sobrecarregar memorias

moças com regras, que são pó de systemas velhos, mas sempre incitar ao emprego justo dos sentidos, que arrasta a actividade das faculdades em todo o seu vigor, e em toda a sua frescura.

É, pois, grave e importante este problema da formação de professores. Poderá mesmo ser considerado como o fecho da abobada social. E, todavia, a difficuldade de fórma alguma reside em dar competencia debaixo do ponto de vista do saber; mas sim em saber-se fazer individualidades dos alumnos, fazer delles unidades sociaes que tenham um certo valor proprio, dotando-os de energias, de forças, de capacidades, de ideias, e de principios são.

É já norma estabelecida que se podem formar homens instruidos, sempre que estes possuirem uma intelligencia regular. É questão de tempo. Comtudo para serem professores competentes, não basta terem uma alta cultura intellectual e scientifica. É indispensavel que com elles nasçam as qualidades pedagogicas necessarias aos professores, qualidades que nem a todos se podem incutir. Poder-se-ha desinvolver-las sempre que nestes individuos resida o germe da aptidão profissional, poder-se-ha aperfeiçoar os methodos pedagogicos, mas nunca será possivel numa escola, por melhor que seja, do alto da cathedra, incutir a verdadeira capacidade pedagogica, uma vez que esta falte por completo.

Devem-se, pois, procurar as condições a fim de se garantir ao Estado e á familia, a par duma completa instrucção, a perfeita aptidão profissional dos individuos que exercem a delicada função de professores lyceaes.

Compreende-se que, por uma selecção rigorosa, sujeitando os candidatos a estes logares a varias provas bem reguladas e determinadas, a fim de se poder fazer uma salutar e util apuração, se conseguirá reconhecer se um candidato a professor do lyceu terá as necessarias condições pedagogicas a par da competencia imprescindível. Que utilidade adviria para

os futuros dirigentes da sociedade serem educados por indivíduos de alta cultura intellectual, mas que não tenham a necessaria competencia pedagogica, que não saibam indicar os horizontes da verdadeira cultura, que não possam formar cerebros e ao mesmo tempo homens para os diversos ramos da actividade humana? Não basta fazerem-se sabios, na acepção restricta da palavra, mas é preciso formarem-se homens.

Compreender as novas correntes de ideias, que ora passam numa tranquillidade placida, ora em turbilhões tempestuosos, comprehendê-las, e saber mergulhar nas mesmas com intensidade, eis os deveres dos legisladores, e dos que apontam aos homens os caminhos do progresso. Mas o ponto principal é, e será sempre, saber dotar as patrias de hoje com professores que saibam compreender a missão que são chamados a cumprir no meio dessas correntes de ideias.

E para os povos pequenos, que, como o nosso, tantos esforços devem fazer para se erguerem á altura dos seus vizinhos no globo, o problema redobra de importancia e de valor.



Viu-se, pois, um dia no nosso paiz, que era necessario pensar-se a sério na formação destes futuros obreiros da instrucção; que necessario era sair-se desta indolencia em que entre nós se jazia ha largos annos para encetar vida nova, processos novos e novos methodos no recrutamento dos professores. Quiz-se renovar tudo, e, então, o concurso, anteriormente o unico meio de selecção para formar professores, foi considerado como anti-pedagogico, como contrario ás exigencias das ideias actuaes, e tratou-se de substituir este unico meio de selecção por um outro que em si reunisse as necessarias condições para formar bons professores. Como sempre

facil é deitar-se abaixo o que já se encontra estabelecido, facil foi pôr-se de parte o systema dos concursos, não se tratando de estudar a valer as bases que deviam predominar no futuro recrutamento dos professores secundários. Não se estudou a legislação estrangeira, não se organizaram inqueritos, e calcou-se todos os sãos principios proclamados pela pedagogia. Assim de afogadilho, sem preparação de largos annos, como, aliás, era indispensavel a um trabalho desta ordem, e á sombra duma dictadura, evitando, desta fôrma, discussões, fundou-se em 1901, sob o governo de Hintze Ribeiro, um curso que devia formar os futuros professores lyceaes, com a pretensão de se fazer obra que se assimilhasse ao que existe no estrangeiro.

Organizou-se, então, no Curso Superior de Letras, pelos decretos de 24 de dezembro de 1901 e de 3 e 8 de outubro de 1902, um curso cujo fim exclusivo consiste em formar os actuaes professores do magisterio secundario, tanto do grupo de letras como do de sciencias, pertencendo a preparação dos futuros professores de letras inteiramente a este Curso, ao passo que os candidatos a professores de sciencias deviam possuir, para poderem matricular-se no 4.º anno do Curso Superior de Letras, os três annos do curso de habilitação para o magisterio de sciencias, estudados na Universidade de Coimbra, ou na Escola Polytechnica de Lisboa, ou finalmente na Academia Polytechnica do Porto.

Ninguem pode deixar de admittir que, á semilhança do que ha no estrangeiro, se dê uma preparação solida e util aos futuros professores em escolas especiaes. Uma tal preparação deve ser uma justa garantia de que esses professores possuirão uma verdadeira educação scientifica e pedagogica, produzindo efeitos fecundos e uteis em toda a constituição do nosso ensino. Mas a organização do Curso Normal no Curso Superior de Letras, com sinceridade e magua o declaramos, nasceu viciada, desde o seu inicio, com tão graves defeitos que os seus resul-

tados não podem corresponder, por maiores que sejam os esforços de todos, aos efeitos desejados.

Multiplos são os erros que se podem apontar na organização deste curso, ao qual parece que se procurou negar os mais elementares princípios recommendados pela pedagogia, a ponto de se apresentar uma Escola Normal Superior, com taes caracteres, que em qualquer paiz estrangeiro não se comprehenderia a que fim a mesma se dedica.

Um dos defeitos mais graves existentes neste curso de habilitação ao magisterio secundariô foi obrigar os seus alumnos a frequentar, durante um prazo relativamente longo, todas as cadeiras que constituem os diversos grupos. Com este processo pretende-se formar professores capazes de ensinar tudo, como, effectivamente, o diz o artigo 18 do decreto de 24 de dezembro de 1901:

«Os individuos que hajam obtido a carta, de que trata o artigo antecedente, com approvação, pelo menos, unanime em todas as cadeiras dos três primeiros annos e no exame do 4.º anno, *serão nomeados, a requerimento seu, sem dependencia de concurso de provas publicas, para o ensino secundario de quaesquer das disciplinas mencionadas no n.º 2 do artigo 1.º, á medida que forem occorrendo vagas para estas nomeações*, e dando-se preferencia á nomeação para as disciplinas da secção que frequentaram, quando taes disciplinas se contemham nas vagas» (1).

Herbart, o grande pedagogista, affirmou que os professores deviam ser dilettantes em tudo, e especialistas só numa disciplina. Pois no nosso paiz, já neste seculo xx, cria-se uma escola com a louca pretensão de habilitar os seus alumnos a professores encyclopedicos das disciplinas que se encon-

(1) O grifado é nosso.

tram mencionadas no n.º 2.º do art. 1.º do decreto anterior, no qual se lê:

«Habilitar para o magisterio do mesmo curso e para o magisterio das seguintes disciplinas do plano dos lyceus: — geographia, lingua latina, lingua nacional, lingua franceza, lingua ingleza e lingua allemã, historia e philosophia».

Nenhum cerebro bem formado, nenhum espirito bem equilibrado poderá conceber como se possa estudar dum modo superior tantas disciplinas, sem relação umas com as outras.

Como é que se podem formar professores do ensino secundario, não diremos já bons, mas, pelo menos, regulares, se durante todo o seu curso só no ultimo anno os futuros professores se dedicam exclusivamente ao seu grupo? De modo nenhum se pôde estudar com a intensidade necessaria, com um criterio elevado, um curso em que nos três primeiros annos os alumnos estudam, em globo, todas as disciplinas do grupo de letras, isto é: historia, geographia, philosophia, philologia romanica, philologia latina, philologia portugueza, litteratura nacional, francez, allemão e inglez. Estas considerações são sufficientes para se ter, immediatamente, a noção de que com semelhantes disposições o trabalho, que os alumnos ali despendem, não poderá dar resultados uteis, nem a elles proprios, nem á sociedade.

Pomos de parte outros defeitos que no Curso Superior de Letras se encontram, como: a estranha e inexplicavel disposição permittindo que candidatos a professores de letras possam entrar para esta escola com o curso de sciencias do nosso ensino secundario; a pouca intensidade nos estudos do latim; a abolição do grego, lingua esta que encerra verdadeiras joias litterarias, e indispensavel para os que tencionam ensinar a lingua latina, vigorando, assim, ainda para os futuros professores desta lingua morta, diplomados por esta escola, com a sanção official, a medieval sentença de *græcum est, non legitur*; o pouco desinvolvimento que se dá á litteratura nacional, que

só é professada num anno; os estudos limitados de historia, geographia e philosophia, para os que se dedicam a este ramo de conhecimentos; a falta de differenciação de secções para os estudantes de sciencias; a estranha fórma de exames, peculiar a esta escola, em que, durante os três primeiros annos do seu curso, os alumnos estão só sujeitos a provas escriptas, não se podendo, assim, avaliar se os alumnos são capazes de se exprimirem oralmente com perfeição; não nos demoraremos mais nestes e em outros defeitos, para, segundo a indole do nosso trabalho, nos limitarmos á formação dos professores de linguas modernas no Curso Superior de Letras.

*
* *

No estado em que actualmente se encontra o recrutamento dos professores de linguas vivas, com a legislação vigente do Curso Superior de Letras, nenhum diplomado por esta Escola pôde, caso não possua já conhecimentos perfeitos destas linguas estrangeiras antes de se matricular nesta Escola Normal Superior, estar em condições de ensinar, concluido o seu curso, estas linguas nos lyceus, como o devem ser. Não será culpa dos professores, nem dos alumnos do Curso Superior de Letras, firmemente o queremos acreditar. Residirá unica e exclusivamente na pessima organização dos estudos de francez, allemão e inglez nesta Escola, segundo a actual legislação. O defeito existe, todavia, grave, importante, fazendo-se todos os dias sentir, e ninguem o tentará sequer occultar. Torna-se mesmo necessario que todos o proclamem bem alto, e com summa energia, para remediar tão grande mal, a bem da instrucção e do futuro da mocidade de hoje.

Assim note-se que sendo a lingua allemã só estudada no 2.º e 3.º annos, e a ingleza nos três primeiros annos, para aquelles que frequentarem no 4.º anno um outro grupo que

não seja o allemão e o inglez, o legislador deste curso intendeu que ao estudo de francez era necessario três annos. Deu-se maior desinvolvimento para os estudos duma lingua relativamente facil para nós, como é o francez, do que ao estudo das linguas germanicas, para nós muito mais difficeis em vocabulario e grammatica, e com a sua vida e a sua indole proprias.

Podendo um alumno, saido dos nossos lyceus, matricular-se no Curso Superior de Letras, para o curso de habilitação ao magisterio secundario, sem lhe ser necessario provar documentalmente que possui conhecimentos de allemão, caso tenha obtido approvação de inglez durante todo o seu curso lyceal, segundo o decreto de 29 de agosto de 1905, ou vice-versa, basta frequentar o 2.º e o 3.º annos de allemão nesta escola para, findo o seu curso, ainda que no 4.º anno não frequentasse este grupo, poder ensinar nos lyceus a lingua allemã, que tantos annos exige, para quem a quizer saber profunda e conscienciosamente! E não nos venham dizer que no 4.º anno, ultimo do curso, podem estudar com mais intensidade esta lingua, os que se matricularem no grupo de inglez e allemão, pois na lei encontram-se bem claras e livres de qualquer sophisma as seguintes disposições, que permitem mesmo aos alumnos do 4.º anno do curso de habilitação ao magisterio do grupo de allemão e inglez estudar só uma destas linguas, e até no exame final prestar provas só da lingua que estudaram durante o anno lectivo, como se reconhecerá, lendo-se a respectiva transcripção:

Art. 15.º do decreto de 24 de dezembro de 1901: No curso de habilitação para o magisterio secundario das disciplinas a que se refere o n.º 2 do art. 1.º, concluido o 4.º anno, os alumnos são admittidos ás seguintes provas:

1.º Um exame vago sobre as disciplinas das cadeiras da secção que o examinando frequentou e sobre as disciplinas das cadeiras de pedagogia e de historia de pedagogia, e em especial da methodologia do ensino. *Se o exame comprehende*

uma ou mais linguas estrangeiras modernas, o examinando e o examinador são obrigados ao uso oral da referida lingua, no primeiro caso, — ao de qualquer das duas no segundo. O exame dura uma hora.

2.º Um argumento sobre a interpretação critica de um texto literario — se o examinando houver cursado uma secção de linguas — latim, francez, allemão *ou* inglez, portuguez, *conforme* a frequencia (1).

A fim de dar ainda maior força a esta disposição, o regulamento de 8 de outubro de 1902 confirma esta mesma doutrina nos seus artigos 29 e 25, tendo o primeiro o mesmo teor que vem citado no art. 15.º do decreto de 24 de dezembro de 1901, acima transcripto, e comprehendendo o segundo a seguinte disposição: «... No 4.º anno os pontos terão por objecto um texto literario, que será interpretado criticamente — se o examinando houver cursado uma secção de linguas — latim, francez, allemão *ou* inglez, portuguez — *conforme* a frequencia» (2).

Assim se o professor de allemão e inglez no Curso Superior de Letras escolher a lingua ingleza, os futuros professores effectivos destas linguas vivas nos lyceus, tendo mesmo frequentado o 4.º anno do seu grupo, podem ensinar a lingua allemã só com dois annos de estudo!

A grande reforma salvadora impõe-se, pois, a este curso; mas em parte nenhuma mais do que no ensino das linguas modernas. Com o que lá se encontra estabelecido, não se podem formar professores de linguas vivas, pelo menos regulares, até da propria lingua franceza, para o que é reduzido o tempo escolar. Para provar a nossa affirmativa, a fim de não nos accusarem de pessimistas, transcrevemos um trecho do

(1) O grifado é nosso.

(2) *Idem.*

bem elaborado relatório que o distincto lente da cadeira de francez no Curso Superior de Letras, o sr. David Mello Lopes, apresentou á Direcção Geral de Instrucção Publica, depois de concluidos os exames da sua presidencia na cidade de Portalegre.

Diz este distincto lente do nosso ensino superior, que foi um dos nossos melhores professores de instrucção secundaria: «*O Curso Superior de Letras não pôde dar aos futuros professores de linguas vivas o sufficiente conhecimento pratico dellas, por muito bem que seja feito o ensino e a selecção; o tempo escolar é muito pouco para isso. Elle dá e só pôde dar uma boa orientação pedagogica e não pôde fazer que um individuo que não fala uma lingua saia de lá a falá-la.*

É certo que podem escolher-se para os respectivos grupos só os alumnos que tenham já esse conhecimento pratico, mas para isso é necessario que os haja nessas condições; e demais os diplomados do Curso que não tenham vaga de effectivo ou não tenham direito a ella collocam-se como interinos, e ahí ensinam não só as disciplinas do seu grupo, mas todas as outras. Os exemplos não faltam. Varios alumnos meus approvados por maioria em francez foram encarregados do ensino do francez em mais de um lyceu» (1).

Tem razão o douto professor, e estas palavras honram-no ainda mais pelo facto de ser lente de francez nesta Escola, e dizer com todo o desassombro o que sinceramente pensa, não se assustando de apontar serenamente para o mal, e prestar culto á verdade.

Em todo o caso não podemos deixar de expôr o que a leitura

(1) Veja-se o Appendice ao *Diario do Governo* de 7 de julho de 1910, n.º 264, pag. 266.

O grilhado é nosso.

deste trecho nos sugeriu. O sr. David Mello Lopes está persuadido de que no Curso Superior de Letras se pôde dar uma boa orientação pedagogica, e nós perguntamos que utilidade terá este beneficio se os diplomados por esta Escola não sabem falar as linguas vivas, não podendo, por isso, ensinar aos seus alumnos a falá-las, como, aliás, exigem as necessidades modernas? Têm boa orientação pedagogica, queremos de boa mente acreditá-lo, mas faltam-lhes os conhecimentos necessarios, defeito este que por completo apaga esse beneficio, fazendo dos individuos diplomados pelo Curso de habilitação ao magisterio do grupo de linguas modernas maus professores.

Ainda para que se veja a razão que nos assiste ao sustentar que os futuros professores de linguas vivas, só com a preparação da nossa unica Escola Normal Superior, não podem desempenhar os logares de professores dos lyceus, como é proprio em qualquer paiz culto, transcrevemos a seguinte observação emanada da Direcção Geral de Instrucção Publica :

«Dos 24 diplomados da secção de letras estão collocados 10 como effectivos e 13 como provisórios, sendo 11 nos lyceus da capital. Note-se, portanto, a mesma attracção á capital, mas aqui menos extranhavel, visto haver no continente apenas 14 vagas da secção de letras, e todas do 3.º grupo (inglez e allemão) *para o qual a preparação do actual Curso Superior de Letras é considerada insufficiente*» (1).

Vê-se, pois, que se torna urgente reformar quanto antes o curso de habilitação para professores de linguas vivas. O que temos, para nada serve. Não pôde criar professores na

(1) Veja-se o Appendice ao *Diario do Governo* de 31 de janeiro de 1910, n.º 38, pag. 95.

O grifado é nosso.

verdadeira accepção da palavra, a não ser que se queira contentar o nosso paiz com a formação de pseudo-professores.

*
* * *

Organizado sem methodo e sem plano, tumultuariamente e levanamente, em todos os seus annos, em todos os seus cursos, em todos os seus aspectos, o Curso Superior de Letras não apresenta só, todos o sabem, defeitos graves e inconvenientes no ensino das linguas vivas. Nós, porém, é sobre este ponto que queremos fazer convergir a luz; e, sem recar contestação, categoricamente affirmamos que é neste assumpto que redobram defeitos e inconveniencias; mais ainda, estamos certos de que ninguem ousará querer sustentar que esse curso *forme* professores de linguas modernas, porque a respectiva organização só tende a uma verdadeira *fumisterie* grosseira que a ninguem engana. Pois para esse curso fingir que *forma* taes professores necessario, indispensavel é, que os respectivos candidatos ao matricularem-se já tenham conhecimento dos idiomas, ou, então, se vão *formar* no estrangeiro, como o reconhecem os proprios lentes deste curso, que assim têm aconselhado aos seus alumnos. O espaço de tempo gasto nesta escola é um desgraçado tempo que se convencionou perder para se convencionar dizer que temos uma escola de habilitação para o magisterio secundario das linguas vivas.

E para que se reconheça como tudo ahi pecca do mesmo defeito de falta de ideias e de principios, analyse-se os grupos existentes nessa escola de habilitação ao magisterio secundario, segundo o decreto de 8 de outubro de 1902, relativamente ás linguas tanto classicas como modernas. Estabelece o art. 7.º do citado decreto cinco grupos que, segundo a sua ordem, são:

1.º Philologia latina, philologia portugueza.

- 2.º Philologia portugueza, literatura nacional.
- 3.º Philologia portugueza, lingua e literatura franceza.
- 4.º Philologia portugueza, linguas e literaturas allemã e ingleza.
- 5.º Philologia latina, philosophia.

Um rapido exame é sufficiente para immediatamente se ter a completa noção de que a esta divisão não presidiu o mais elementar criterio, o mais simples preceito scientifico, que não se respeitaram as mais leves prescripções pedagogicas, e que o bom senso sofreu um rude golpe.

A que ideia obedeceria o estabelecimento destes cinco grupos de linguas, onde não se vê um plano que nos possa explicar a existencia dos mesmos? Conjuntamente com a lingua allemã, tão difficil para os povos latinos, colloca-se, além da propria lingua materna, a lingua ingleza, ao passo que o francez, lingua esta para nós de relativa facilidade, e com a qual desde criança estamos mais ou menos familiarizados, é acompanhado apenas com a lingua materna. Para o grupo de latim encontraram-se só duas disciplinas tendo intima affinidade com a mesma: o portuguez e a philosophia. Custa realmente a acreditar que tal disposição appareça, não no papel que tudo aceita, mas num regulamento de ensino official!

Ora, é-nos licito perguntar agora que ligação mystériora haverá entre a philosophia e a lingua de Horacio, que possa explicar esse estranho connubio constitutivo deste estranho grupo?... Ainda, talvez, se comprehenderia que houvesse um grupo formado da lingua grega e da philosophia, pois na Grecia floresceram sempre doutrinas, escolas e discussões philosophicas. Foi sobre a Grecia que nos meados do seculo v caiu, como nuvem ruidosa, a turba barulhenta dos sophistas, como Anaxagoras, Protagoras, Gorgias e outros. Foi ahi que viveram e morreram Socrates e o divino Platão. E foi ainda na Grecia que refulgiu o brilhante espirito de Aristoteles, que

inundou de clarão toda a idade media. Esse grupo, comtudo, obedecendo a esta ordem de considerações, teria ainda assim os seus defeitos; pois hoje a philosophia, nos nossos dias de positivismo scientifico, tomou um outro aspecto completamente diverso e mais humano, mais util, verdadeiro e real. No entanto combinar o latim com a philosophia é o arbitrio dando mãos ao artificio.

Resta ainda analysar o 2.º grupo de linguas, que vem a ser o de philologia portugueza e de literatura nacional. Grupo este muito estranho, muito singular, muito curioso e . . . muito attrahente, em comparação com os restantes. Este grupo pode-se considerar como que formado por uma só disciplina. Não somos nós quem o diz, é o proprio lente de philologia portugueza no Curso Superior de Letras quem esta opinião sustenta. Assim affirma esse professor desta escola superior numa obra sua, que ha annos approvada foi para o nosso ensino secundario (1).

«*Philologia* propriamente dita é o conjuncto de conhecimentos que se referem á literatura dum ou mais povos (2) e á lingua que serve de instrumento a essa literatura, consideradas como a mais completa manifestação do espirito desse povo ou desses povos».

E mais abaixo, numa especie de nota, acrescenta ainda, como querendo frisar mais esta circumstancia:

«É principalmente com relação ás linguas e literaturas grega e latina que essa expressão tem sido empregada; mas hoje póde falar-se com igual direito duma *philologia germanica*, tendo por objecto as linguas e literaturas dos povos germani-

(1) Veja-se *A lingua portugueza*, 3.ª edição, pag. 10, de F. Adolpho Coelho, actualmente lente proprietario da cadeira de Philologia portugueza, no Curso Superior de Letras.

(2) O grifado é nosso.

cos; *duma philologia romanica ou neo-latina, tendo por objecto o estudo das linguas e literaturas dos povos chamados neo-latinos*» (1).

De harmonia com o trecho acima citado, o referido professor de philologia no Curso Superior de Letras definirá certamente a philologia portugueza como tendo por objecto a lingua e literatura do povo portuguez, definição esta que vae ao encontro da existencia do 2.º grupo mencionado no art. 7.º do decreto de 8 de outubro de 1902, que claramente estabelece uma differença entre philologia e literatura duma lingua.

E desta fórma temos que nos grupos 1.º, 3.º e 4.º tambem fatalmente deve estar incluido o estudo da *literatura portugueza*, visto sem este estudo não se comprehender que haja uma *philologia portugueza*. Ou então querer-se-ha sustentar que os professores desses 1.º, 3.º e 4.º grupos poderão ser professores da nossa lingua, sem terem bem estudado a literatura nacional?... D'onde se conclue que o 2.º grupo está numa enorme desigualdade para com os outros, pois é um *grupo duma só disciplina!*

Pois, apesar do professor de philologia portugueza da nossa unica Escola Normal Superior não poder concordar com a existencia deste grupo, o que, em virtude das palavras que deixou escriptas, e que nós transcrevemos, somos levados a concluir, alumnos têm havido no Curso Superior de Letras que este estranho grupo — só da lingua portugueza — escolheram, para depois serem nomeados professores de linguas vivas. Não se julgue esta affirmativa uma phantasia nossa. Assim no appendice ao *Diario do Governo* de 31 de janeiro de 1910 vem, a paginas 84 e 85, na relação dos individuos que concluíram o curso de habilitação para o magisterio secundario pelo Curso

(1) O grifado é nosso.

Superior de Letras, a indicação de dois diplomados por esta escola que tal grupo cursaram, estando já um com a nomeação de professor effectivo no lyceu de Lamego do 2.º grupo do actual plano lyceal, isto é, das disciplinas de portuguez e francez, e outro como professor provisório num dos lyceus de Lisboa, ensinando esta mesma lingua estrangeira.

Temos, assim, que o sr. David Mello Lopes, distincto lente de francez do Cúrso Superior de Letras, acha insufficiente a organização deste curso, incluindo o 4.º anno, para habilitação ao magisterio secundario dessa lingua. Como se pretende, então, resolver o inconveniente?... Dispensando-se até os alumnos, que pretendem ensinar essa lingua nos lyceus, á frequencia da mesma lingua do 4.º anno, e habilitando para professores de francez individuos tendo no ultimo anno do curso unicamente dedicado estudo e applicação a philologia portugueza. Os abusos a que esta estranha permissão póde levar serão faceis de calcular; pois se tanto se póde ser professor de francez e portuguez nos lyceus tendo-se estudado francez e portuguez no 4.º anno, ou sómente portuguez, é preciso ter-se muita honestidade e muita seriedade para se escolher o caminho mais difficultoso se chegar ao mesmo fim.

Vemos, pois, dum modo evidente, que os grupos mencionados das linguas vivas, foram organizados *à tort et à travers*, com uma falta de cuidado que apavora e uma inconsciencia que espanta. Não se procurou harmonizar os mesmos segundo um nexo logico, uma base scientifica, um criterio racional. Uma divisão arbitraria e artificial alliada ao menor conhecimento dos preceitos pedagogicos presidiu a todo este trabalho. E, todavia, tão facil era estabelecerem-se grupos baseados em normas scientificas, tomando por ponto de partida a afinidade das diversas linguas que se deviam professar numa escola de habilitação ao magisterio secundario. Segundo o nosso entender, poder-se-hia dividir o ensino das linguas

em três grupos: philologia classica, comprehendendo o latim e o grego (1), philologia germanica, com o inglez e o allemão, e finalmente philologia romanica, que se subdividira só no estudo da lingua portugueza e da lingua franceza. Estaria esta divisão de grupos não só em maior harmonia com os grupos hoje existentes no quadro do nosso ensino secundario, como tambem poderiam ser professadas com toda a elevação de criterio intellectual e scientifico proprio duma Escola Normal Superior.

Porque devemos sempre ter em vista que uma Escola Normal — como o seu proprio nome indica — deve ser um estabelecimento exemplar de instrucção, uma escola modelo, isenta de toda a macula, e cujo ensino seja alevantado, superior e util, não existindo o mais leve vislumbre de incorrecções. Desde as suas bases organicas até aos processos adoptados, tudo deve constituir a essencia mais perfeita e completa duma instrucção superior, obedecendo aos verdadeiros preceitos e ás necessarias normas da mais modelar e impecavel pedagogia.

Mas ao passo que no estrangeiro, nos povos que marcham á frente da civilização, e que por isso mesmo respeitam este principio como um axioma pedagogico, as escolas normaes são verdadeiras escolas modelos, com cursos especiaes, uma perfeita e elevada orientação scientifica, baseada segundo os reaes methodos da mais superior pedagogia, e para cuja entrada só são accites um certo numero de candidatos, sempre escolhidos entre aquelles que mais conhecimentos e aptidões revelam, no nosso paiz a nossa unica Escola Normal Superior

(1) Bem sabemos que nos nossos lyceus não se ensina a lingua grega; porém nunca um professor de latim poderá ser digno desse nome sem conhecer esta. A literatura latina é quasi escrava, cheia de ouuropeis e de bellezas, mas escrava da grega.

é, sem duvida, a escola que com mais defeitos e inutil se apresenta aos olhos de todos, no ensino das linguas vivas. Chega esta a não admittir distincção de especie alguma nos seus cursos; assim as differentes disciplinas que se estudam até ao 4.º anno são semelhantes em tudo, á excepção da pedagogia e da historia da pedagogia, ás que são tambem frequentadas pelos alumnos que se dedicam aos cursos seguintes: curso geral, curso diplomatico e curso de bibliothecario archivista!

*

* *

Com a criação do curso de habilitação para o magisterio secundario no Curso Superior de Letras, commetteram o grave erro de abolir os concursos para todos aquelles que não tivessem o diploma desse curso. Fecharam-se, assim, as portas a todos que, possuindo verdadeiras qualidades pedagogicas, uma completa orientação moderna, e profundo saber, não podiam, em todo o caso, occupar os logares do magisterio, simplesmente por, em virtude de diversas circumstancias independentes, muitas vezes, das suas vontades, não lhes ser possivel matricularem-se no Curso Superior de Letras. Devia-se adoptar os dois systemas de recrutamento para professores lyceaes: o do concurso, e o da escola de habilitação. A pratica diria até depois qual seria o melhor meio para se recrutar professores. Não é justo, não é razoavel, nem liberal, não dar saída a toda a iniciativa individual. Sabemos, além disso, que para se formarem cerebros não é preciso frequentar escolas, e que chegando a uma certa idade, os individuos que verdadeiramente desejam saber, ás vezes aprendem muito mais com um estudo proprio do que nas aulas, com um estudo obrigatorio. Quem não se sentisse com forças para se arrostar com um concurso, fosse frequentar o Curso Normal, onde com uma preparação cuidadosa pudesse adquirir os

conhecimentos que não tivesse, mas todos aquelles que se julgassem aptos bastante para exercer o seu mister não precisariam de frequentar uma escola, e um concurso seria sufficiente para avaliar o grau de capacidade intellectual, scientifica e pedagogica dos candidatos ao magisterio.

Não se deveria, portanto, abolir por completo, esses concursos. Modificá-los, estabelecê-los sobre outras bases mais modernas, mais praticas, isso sim; mas nunca fazê-los desaparecer.

No que diz respeito ás linguas vivas, estas considerações augmentam ainda em importancia. Assim, basta notar que um individuo, tendo largamente vivido nas nações respectivas, tendo frequentado, observado, estudado as escolas estrangeiras, tendo communicado com literatos, professores, espiritos cultos e pensadores dessas terras, tendo sentido passar ao seu lado, no proprio solo patrio, as correntes modernas das ideias, das theorias e dos principios, se quizer, ao voltar á sua patria, dedicar-se ao ensino official das linguas estrangeiras, enchendo de luz nova, e de ar fresco as escolas, só encontra aberta para entrar no corpo docente a porta dos quatro longos, defeituosos e desanimadores annos do Curso Superior de Letras.

Ora, segundo o nosso modo de ver, para se conseguir elevar, realmente, o ensino á altura do progresso do nosso tempo, a preparação dos professores de linguas vivas deve ter as seguintes três phases:

1.^a Um certo numero de annos, nunca inferior a cinco, numa escola superior destinada a esse fim, com programmas, obedecendo a uma orientação essencialmente pratica, e cuja entrada só fosse permittida aquelles que, depois dum exame rigoroso, manifestassem reaes aptidões para o ensino, e intelligencia.

2.^a Um certo tempo de aperfeiçoamento no estrangeiro em centros de instrucção escolhidos pelo conselho escolar da referida Escola Normal Superior.

3.^a Dois annos de pratica nos lyceus do reino, sujeitos a uma certa fiscalização, e na qual os diplomados sejam convenientemente dirigidos e orientados (1).

Ao lado deste curso de preparação, comtudo, continuamos a defender a necessidade dos concursos para se poder alargar o campo de recrutamento do professorado, mas concursos baseados em ideias altamente praticas, e que só permittam o triumpho de elementos duma envergadura verdadeiramente superior. No entanto os individuos que preferam habilitar-se por meio de concurso egualmente deverão ficar sujeitos aos dois annos de pratica pedagogica nos lyceus.

O problema merece na verdade ser estudado; e no dia em que na nossa terra houver sinceramente nos corações de seus filhos amôr grande pelo ninho paterno, a instrucção com todas as suas questões, ver-se-ha cuidadosamente animada e protegida!

(1) A ideia dum augmento de numero de annos no curso de habilitação ao magisterio secundario, e um certo tempo de pratica nos lyceus tambem foi sustentada pelo sr. Gustavo Cordeiro Ramos, que foi o alumno mais distincto que ainda teve o Curso Superior de Letras, na sua interessante obra, escripta para o acto final do 4.^o anno, intitulada: *Die modernen Richtungen im deutschen neusprachlichen Unterricht*, na qual o seu autor emite a opinião de que a nossa escola de habilitação ao magisterio secundario deve constar de seis annos. Note-se, porém, que foi depois de ter estado na Allemanha, onde fôra estudar o 4.^o anno do seu curso, em contacto com professores e pensadores illustres, vendo e frequentando verdadeiras escolas normaes, que o sr. Cordeiro Ramos tal ideia concebeu.

NOTA

Foi este trabalho apresentado como dissertação para o acto final do 4.º anno do curso de habilitação ao magisterio secundario no Curso Superior de Letras, para o grupo de philologia portugueza, allemão e inglez, tendo sido revistos e aperfeiçoados alguns pontos.

ERRATAS PRINCIPAES

| <i>Pag.</i> | <i>Lin.</i> | <i>Onde se lê :</i> | <i>Leia-se :</i> |
|-------------|-------------|--|---|
| 16 | 19 | uma poderosa fonte gymnastica intelle- ctual | uma poderosa fonte de gymnastica intelle- ctual |
| 20 | 9 | que soffrem na sua evolução | que soffreu na sua evo- lução |
| » | 18 | e com o pretexto que é estrangeira | e com o pretexto de que é estrangeira |



